CIP
CONFEDERAÇÃO EMPRESARIAL
DE PORTUGAL

Encerramento da Conferência

Alfredo da Silva: o futuro como tradição

Porto, Universidade Católica Portuguesa, 28 de setembro de 2020

Permitam-me que comece por agradecer a honra que me foi concedida em encerrar esta conferência, que, fazendo memória da figura ímpar de Alfredo da Silva, por ocasião dos 150 anos do seu nascimento, alargou o seu âmbito para destacar histórias empresariais e os seus protagonistas como inspiradores do futuro.

Para aqueles que me conhecem, sabem bem quanto isto representa na minha história de vida. Alfredo da Silva foi um pioneiro da indústria tal como hoje a conhecemos em Portugal.

O seu grupo e a sua herança histórica tocaram e transformaram a vida de muitos milhares de portugueses. **Tocou e transformou a minha de modo muito particular**.

Foi aqui lembrada a história de um homem que, pela sua audácia, pela sua visão, pela sua iniciativa, pela sua liderança, foi capaz de **fazer acontecer**, de **transformar ideias em inovação conseguida**, marcando de forma indelével o progresso económico e social do país, deixando-nos um legado que permanece vivo.

Foi aqui apresentado o resultado da pesquisa de estudantes universitários sobre novos exemplos de empreendedorismo português, protagonizado por novos empresários, concretizado em novas empresas, mostrando que o espírito de iniciativa continua vivo entre nós, revelando-nos que vale a pena assumir riscos, tomar o futuro nas suas próprias mãos e lançar projetos empresariais.

Finalmente, ouvimos o testemunho de três empresários de referência que têm hoje a responsabilidade de liderar, rumo ao futuro, projetos empresariais de referência em Portugal.

Esta foi a melhor homenagem a Alfredo da Silva que podíamos conceber.

Ao recordá-lo, como referência incontornável do empreendedorismo português do século XX, não nos limitámos a olhar para o passado, mas procurámos envolver as novas gerações na compreensão do empreendedorismo do século XXI, fazendo a ponte para o futuro.

Esta foi uma iniciativa onde esteve presente, acima de tudo, a preocupação por cultivar na sociedade os valores do empreendedorismo, num tempo em que muitos preferem desvalorizá-los e **diabolizar o lucro como causa da pobreza**.

Sem lucro não é possível investir e acabar com essa mesma pobreza. É o motor do crescimento económico de que todos podemos beneficiar.

Uma sociedade que ignora o papel fundamental das empresas, que lhes nega condições para realizarem a sua função, está, a prazo, a empenhar as possibilidades de desenvolvimento e crescimento.

Do mesmo modo, uma sociedade que alimenta atitudes de desconfiança, de inveja ou de antagonismo face aos empresários está a comprometer o futuro e as possibilidades de criação de riqueza e, portanto, da sua posterior distribuição.

Julgo que esta conferência contribuiu para valorizar o mérito empresarial e dignificar o papel do empresário na nossa sociedade.

Minhas senhoras e meus senhores,

Concluímos facilmente que o dinamismo das economias e das sociedades está intimamente relacionado com a capacidade empreendedora dos seus agentes.

Em épocas de crise, quando assistimos ao encerramento de muitas empresas e à destruição de milhares de postos de trabalho, é ainda maior a importância do empreendedorismo, como fator essencial para a regeneração do tecido empresarial e a criação de novos empregos.

As crises são, também, geradoras de oportunidades, tanto a nível coletivo como individual.

O que é preciso mudar para que mais indivíduos optem por tomar o futuro nas suas próprias mãos, transformando as suas crises individuais em verdadeiras oportunidades?

Em inquéritos realizados sobre este tema, os portugueses são dos que mais aderem à ideia de empreendedorismo como a base da criação de riqueza, beneficiando todos.

São também dos que mais valorizam o empreendedorismo como criador de emprego, sendo também os que afirmaram em maior percentagem que gostariam de ser **patrões de si mesmos.**

Mas, curiosamente, foram também dos que mais consideram ser inviável tornarem-se empresários num horizonte temporal previsível.

Não tanto por acharem que lhes faltam competências para tal, mas por ausência de uma ideia de negócio ou oportunidade, por falta de financiamento, pela complexidade dos procedimentos, por falta de informação e, acima de tudo, **por medo de falharem – ou seja, por aversão ao risco**.

Entre nós, o fracasso em novos projetos, continua a ser considerado um estigma, um *handicap*, enquanto noutras culturas é pontuado positivamente em tentativas futuras**.**

É que, na verdade, não se cometem duas vezes os mesmos erros! Importa, por isso, como se costuma dizer, falhar melhor na vez seguinte.

O percurso de Alfredo da Silva não foi feito apenas de sucessos. Existiram projetos que acalentou e que nunca conseguiu realizar. Mas os fracassos não o impediram de criar e desenvolver não um, mas inúmeros projetos audaciosos, que modelaram o que é hoje a indústria portuguesa.

O seu exemplo é tanto mais inspirador quanto ser empresário, em Portugal, é ainda visto por muitos como um sonho irrealizável. É preciso alterar esta visão bloqueadora das nossas melhores qualidades de criatividade e de iniciativa, promovendo uma cultura empreendedora.

Isto implica que, desde muito cedo, **deve ser desenvolvido nas crianças e nos jovens o gosto pela ação**, pela criatividade e pela assunção de riscos, isto é, **saber como assumir riscos e ter capacidade para resolver problemas práticos.**

Durante várias décadas criámos nas nossas escolas e universidades "empregados" e "funcionários", deixando pouco espaço à exploração da criatividade e da inovação. As nossas escolas ensinavam a fazer um *curriculum vitae*, **mas não ensinavam a fazer um projeto de negócio**.

Isto fazia sentido numa economia onde as grandes empresas pareciam assumir um papel seguro de empregadores.

Mas os tempos mudaram e hoje é patente que esse modelo coloca a nossa sociedade em risco de ser pouco flexível, sobretudo em momentos de crise.

Felizmente que vejo cada vez mais exemplos de integração do empreendedorismo nos programas curriculares dos alunos, em vários níveis de ensino.

Acredito que essa mudança é essencial para ajudarmos as novas gerações a interpretar o ambiente em que vivem de forma diferente, mais crítica, tomando decisões de forma mais autónoma.

Na verdade, os nossos jovens, para se adaptarem aos atuais desafios da sua vida profissional, terão de redescobrir os seus instintos empreendedores e usá-los para criar novos tipos de carreira.

Como ouvi, há tempos, alguém dizer, o País não precisa que todos sejam empresários, **mas precisa que todos sejamos empreendedores.**

Como todos os processos de mudança cultural, este será um processo lento, cujos resultados só irão surgindo ao longo de uma ou várias gerações.

É toda a sociedade, a começar pela família e pela primeira escola, que deve ser chamada a criar uma nova cultura de empreendedorismo, valorizando o papel e a imagem da figura do empreendedor, destacando os exemplos de sucesso, mas eliminando, paralelamente, o estigma do insucesso.

Ao valorizar exemplos, ao apontar referências, como acabou de ser feito nesta Conferência, estamos a favorecer essa cultura de empreendedorismo.

Evidentemente que nem todos os problemas são de natureza cultural.

Há domínios em que é possível agir com resultados mais imediatos.

Entre eles destacaria três:

- **Em primeiro lugar, os excessivos custos, exigência e obstáculos administrativos**, para a pôr uma empresa a funcionar dentro de todas as exigências legais, desencorajando a iniciativa.
- **Em segundo lugar, o financiamento**, onde as dificuldades ainda são maiores no acesso ao capital necessário à criação de novas empresas, em virtude da escassez de mecanismos de partilha de riscos existentes no sistema financeiro.
- **Finalmente, a formação**, onde é necessário colmatar lacunas que limitam a capacidade do empreendedor para transformar boas ideias em negócios concretos.

Mas permitam-me que, hoje, por uma vez, não aponte o dedo aos bloqueios criados pelo Estado, nem ao que cabe ao Estado fazer.

Permitam-me que termine, antes, com uma palavra de esperança, inspirada pelo que aqui pudemos ouvir. E por uma mensagem a todos quantos são empresários: contra toda a adversidade, não desistam e mantenham sempre o entusiasmo inicial, inspirados pelo lema com que Alfredo da Silva criou o maior e mais diversificado grupo empresarial do país: **"Mais e Melhor**".

Muito obrigado.

António Saraiva
Presidente da CIP